

A AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

AFFECTIVITY IN LITERACY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

SILVA, Neovanda Ferreira da^{*}

MENDES, Alesandra Rocha^{**}

NASCIMENTO, Atenildo Santos^{***}

LIMA, Maria Aparecida Ferreira de^{****}

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da afetividade no processo de alfabetização, considerando sua influência direta no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Parte-se do entendimento de que aprender a ler e escrever não é apenas um ato mecânico, mas uma experiência que envolve vínculos afetivos e interações humanas significativas. Com base em teóricos como Wallon, Vygotsky e Piaget, o estudo destaca que a afetividade, quando presente na relação entre professor e aluno, cria um ambiente de confiança, segurança e motivação que favorece a aprendizagem. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e bibliográfico, com o objetivo de compreender como práticas pedagógicas afetivas podem contribuir para uma alfabetização mais eficaz, humanizada e prazerosa. Conclui-se que a afetividade é um elemento essencial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo necessária uma formação docente que contemple não apenas o domínio dos conteúdos, mas também o desenvolvimento de competências emocionais e relacionais.

Palavras-Chave: Afetividade; Alfabetização; Ensino-aprendizagem; Relação professor-aluno.

* Autora- Neovanda Ferreira da Silva, graduada em Normal Superior na Faculdade de Tecnologia e Ciências e Geografia na Faculdade Única, pós-graduada em Psicopedagogia na Faculdade Ávila e Educação Inclusiva com ênfase em Libras na Faculdade Brasil Central, cursando o mestrado em Ciências da Educação na FICS. vneovanda@gmail.com

**Coautor – Alesandra Rocha Mendes, graduada em Pedagogia na Universidade Estadual da Bahia e pós-graduação em Gestão e Orientação Educacional, Especialização em Geografia. sandrads124@gmail.com

***Coautor - Atenildo Santos do Nascimento, graduado em Pedagogia na Universidade Estadual da Bahia e Especialização em Metodologia no Ensino e Pesquisa na Educação em Psicopedagogia na Faculdade Católica de Anápolis. atenildonascimento12@gmail.com

****Coautor - Maria Aparecida Ferreira de Lima, Graduada em História na Universidade Norte do Paraná - UNOPAR Estado do Paraná, Especializações em História e Cultura Afro Brasileira e Gestão, Supervisão e Orientação Educacional - aparecida-lima1979@hotmail.com

SUMMARY

This paper addresses the importance of affection in the literacy process, considering its direct influence on children's cognitive, emotional and social development. It is based on the understanding that learning to read and write is not just a mechanical act, but an experience that involves emotional bonds and meaningful human interactions. Based on theorists such as Wallon, Vygotsky and Piaget, the study highlights that affection, when present in the relationship between teacher and student, creates an environment of trust, security and motivation that favors learning. The methodology adopted is qualitative and bibliographic, with the objective of understanding how affective pedagogical practices can contribute to more effective, humanized and enjoyable literacy. It is concluded that affection is an essential element for the success of the teaching-learning process in early childhood education and in the initial years of elementary school, requiring teacher training that contemplates not only mastery of content, but also the development of emotional and relational skills.

Keywords: Affection; Literacy; Teaching-learning; Teacher-student relationship

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é um dos momentos mais significativos da trajetória escolar de uma criança, pois marca o início de seu contato sistematizado com a linguagem escrita, ampliando sua compreensão de mundo, autonomia e capacidade de expressão. No entanto, esse processo não se resume à decodificação de letras e sons, mas envolve dimensões emocionais, sociais e afetivas que influenciam diretamente no sucesso da aprendizagem. Nesse sentido, a afetividade desempenha um papel essencial na relação entre professor e aluno, pois contribui para o estabelecimento de vínculos, para o acolhimento das necessidades emocionais das crianças e para a criação de um ambiente propício ao aprendizado.

Autores como Wallon (1995) e Vygotsky (2006) já destacavam que o desenvolvimento cognitivo e afetivo são processos interdependentes, ou seja, não há aprendizagem significativa sem que a criança se sinta emocionalmente segura, respeitada e envolvida no processo. A sala de aula, especialmente nos anos iniciais, é um espaço que deve favorecer o diálogo, a confiança e o estímulo à curiosidade — fatores diretamente influenciados pela qualidade das relações afetivas estabelecidas. A afetividade não apenas humaniza o ensino, mas também se

apresenta como um instrumento pedagógico que contribui para a motivação, participação e permanência dos alunos nas atividades de leitura e escrita.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar a importância da afetividade no processo de alfabetização, com foco no papel do professor enquanto mediador não apenas do conhecimento, mas também das emoções e relações sociais que se desenvolvem no contexto escolar. Busca-se compreender como a afetividade pode ser integrada à prática pedagógica de maneira ética, equilibrada e intencional, respeitando a individualidade dos alunos e promovendo um ambiente de aprendizagem acolhedor, estimulante e transformador.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa do tipo qualitativa e descritiva, utilizando-se do método de revisão bibliográfica. Esse tipo de pesquisa visa analisar e discutir conteúdos teóricos previamente publicados, permitindo uma compreensão aprofundada sobre o tema proposto, sem realizar coleta de dados empíricos.

Foram selecionadas obras relevantes como livros, artigos científicos, dissertações e teses, obtidas a partir de buscas realizadas nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo, Periódicos CAPES e livros disponíveis em bibliotecas físicas e digitais. A seleção do material considerou publicações realizadas nos últimos dez anos, ou seja, de 2014 a 2024, com o objetivo de garantir a atualidade e a pertinência dos conteúdos analisados.

As palavras-chave utilizadas durante a pesquisa foram: “afetividade”, “alfabetização”, “ensino e aprendizagem”, “educação infantil” e “desenvolvimento cognitivo e emocional”. A escolha dos descritores teve como base a relevância para o tema central do trabalho, permitindo filtrar os materiais mais coerentes com os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou uma análise teórica consistente, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, permitindo uma reflexão crítica sobre a importância da afetividade no processo de alfabetização e nas práticas pedagógicas voltadas à educação infantil.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Concepções sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem

A afetividade é um processo complexo e contínuo de sensibilização que começa desde os primeiros momentos de vida de uma criança. Desde muito cedo, ela demonstra uma tendência a se conectar com as pessoas ao seu redor, o que a torna sensível à disponibilidade emocional dos outros. No contexto escolar, por exemplo, o professor deve ser capaz de demonstrar uma sensibilidade afetiva em relação ao aluno. Essa relação emocional cria condições para o desenvolvimento de sentimentos que, por sua vez, influenciam o processo de aprendizagem (Wallon, 1995).

Uma outra perspectiva sobre as relações afetivas foi abordada por Jean William Fritz Piaget (1896-1980), biólogo, psicólogo e epistemólogo, conhecido por seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo. Em sua teoria, Piaget argumenta que o desenvolvimento intelectual resulta de uma interação contínua entre dois componentes: o afetivo e o cognitivo, os quais são paralelos e se manifestam por meio de diversos sentimentos, interesses e desejos. Piaget divide o desenvolvimento humano em quatro estágios: o primeiro, denominado sensório-motor, ocorre durante os primeiros anos de vida, focando nas necessidades biológicas, onde os afetos também se manifestam em relação às pessoas e aos objetos. Por volta dos dois anos, a criança começa a desenvolver afetos mais intencionais, e também aprimora a linguagem e a memória, além de começar a imitar os outros, utilizando a memória representacional.

No segundo estágio, denominado pré-operatório, a criança começa a formar palavras e aprende a ler e escrever, embora o pensamento egocêntrico ainda seja predominante. Nesse período, os afetos normativos e intuitivos, como simpatia e antipatia, ainda são bastante evidentes. O terceiro estágio, denominado operações concretas, permite que a criança dissocie afetos primitivos (como os voltados aos pais e irmãos) de sentimentos mais complexos, superando o egocentrismo e desenvolvendo o pensamento lógico, essencial para a aprendizagem escolar. O último estágio, as operações formais, envolve um pensamento lógico mais elaborado, onde a criança questiona e começa a se isolar, com um foco maior em seus próprios projetos futuros, refletindo afetos idealistas.

Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934), psicólogo russo, desenvolveu uma teoria que relaciona aprendizagem e desenvolvimento, baseada no materialismo histórico e dialético. Para Vygotsky, o desenvolvimento mental é mediado por funções cognitivas como o pensamento, percepção e atenção. Ele introduziu dois conceitos-chave: a zona de desenvolvimento real (relacionada ao que a criança já consegue realizar por conta própria) e a zona de desenvolvimento proximal (referente a tarefas que a criança consegue realizar com o auxílio de um mediador, como o professor) (Vygotsky, 2006). Em relação à aprendizagem, Vygotsky enfatiza a importância da mediação, onde os professores devem ajudar os alunos a explorar diferentes formas de pensar e promover sentimentos positivos que auxiliem no aprendizado.

Kochhann e Rocha (apud Rossini, 2004) destacam que a relação professor-aluno deve ser baseada na afetividade e confiança, criando um ambiente onde os alunos se sintam seguros para cometer erros e continuar tentando, sem medo de represálias. A afetividade, portanto, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois, por meio dessas relações, os alunos adquirem conhecimento e desenvolvem habilidades essenciais para seu crescimento escolar.

Pesquisas como as de Taille (1992) e Ribeiro (2010) afirmam que a afetividade envolve sentimentos como simpatia, amizade, amor e afeição, que são essenciais para o desenvolvimento humano desde a infância, influenciados pela interação com pais, amigos, professores e a sociedade em geral. Wallon (2007) também destaca que o primeiro comportamento psíquico da criança é afetivo e se manifesta desde as primeiras semanas de vida, sendo crucial tratar as crianças de forma integral e não fragmentada. De acordo com Wallon, as crianças exploram o mundo através de seus desejos, intenções e emoções, o que é fundamental para seu desenvolvimento social e cognitivo.

Ribeiro (2010) observa que o desenvolvimento humano é um processo contínuo, sendo as emoções inicialmente vinculadas às interações familiares e, em seguida, ampliadas no contexto escolar. A afetividade não é algo com o qual a criança nasce, mas sim um elemento que se constrói dentro do ambiente familiar e social em que está inserida.

No contexto escolar, Ribeiro (2010) destaca que o ambiente educacional exerce uma influência significativa sobre o desenvolvimento da criança, sendo capaz de contribuir tanto positivamente quanto negativamente para o processo de ensino-

aprendizagem. Ele observa que as interações em sala de aula refletem os sentimentos de alunos e professores, como alegria, dor, tristeza e angústia, o que afeta diretamente o desempenho acadêmico e o relacionamento entre os envolvidos. Santos (2011, p. 68) afirma que:

A sala de aula é o principal compartilhamento da escola. Ela é o espaço por excelência da escola. É um ambiente destinado ao convívio entre os que a habitam, e por ser impreterivelmente um espaço de convivência, é um espaço dialético, de conflito e de harmonia. Conflito no sentido da contraposição de ideias, de saberes, de preferências e posturas construídas durante toda uma vida e que neste espaço encontra novas ideias, outros saberes, que geram diferentes posturas diante da realidade. Harmonia no sentido da reciprocidade que deve acontecer entre os integrantes deste espaço de produção, quase uma interdependência entre os sujeitos que convivem neste espaço, uma vez que a produção do conhecimento acontece na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Com base nisso, Wallon (1995) argumenta que as interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Cada fase do seu desenvolvimento exige tipos diferentes de relações emocionais e cognitivas, que se complementam mutuamente. Assim, a escola deve ser um espaço de interações que promovam o desenvolvimento pleno dos alunos, levando em consideração tanto suas necessidades emocionais quanto cognitivas. O ambiente escolar deve ser acolhedor e afetivo, enquanto se dedica ao ensino de conteúdos de forma qualitativa e prazerosa.

3.2. A importância da afetividade na educação infantil

Amorim e Navarro (2012) ressaltam que a educação infantil requer uma atenção especial e comprometimento das instituições de ensino, educadores e famílias, pois é um direito das crianças receberem cuidados e ensinamentos de forma afetiva, atenciosa e respeitosa. Esses cuidados iniciais são fundamentais para o desenvolvimento da identidade infantil, ajudando na socialização e formação integral da criança. Independentemente de estar no ambiente escolar ou fora dele, é essencial que a criança se sinta segura e acolhida, uma vez que a afetividade é a base para o desenvolvimento cognitivo e emocional. Nesse contexto, a afetividade contribui para a compreensão das dinâmicas sociais e emocionais, favorecendo todo o processo de formação da criança (Amorim & Navarro, 2012).

É crucial que os educadores reconheçam as necessidades individuais de cada criança, pois existem diferentes ritmos de aprendizagem. Algumas crianças aprendem de maneira mais rápida e lúdica, enquanto outras necessitam de um tempo maior para assimilação. Contudo, é importante destacar que, independentemente dessas variações, o envolvimento emocional desempenha um papel central, pois é no ambiente educacional que a criança constrói a compreensão de seu ambiente socioafetivo. Portanto, as instituições de educação infantil devem se comprometer com o desenvolvimento integral da criança, abordando aspectos afetivos, sociais e físicos, para que ela consiga se relacionar adequadamente consigo mesma, com o outro e com o meio (Amorim & Navarro, 2012).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) define a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, estabelecendo que até os seis anos de idade, a criança deve ser desenvolvida em aspectos sociais, intelectuais e físicos, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil tem o papel de formar as bases de cidadania e os valores éticos e morais, sendo fundamental para o início do desenvolvimento de hábitos e atitudes que guiarão a inserção social da criança (Brasil, 1996).

Wallon (1979) destaca que a pré-escola desempenha um papel crucial na preparação da criança para sua emancipação. Durante esse período, a criança começa a se relacionar com outras da mesma faixa etária, ampliando seu convívio social além do núcleo familiar. Assim, a qualidade dessas interações deve ser assegurada por meio da colaboração entre escolas, famílias e comunidades, visando promover o desenvolvimento pleno da criança. A afetividade é um componente essencial nesse processo, pois favorece tanto o desenvolvimento emocional quanto cognitivo da criança.

De acordo com Wallon (1979, 1995, 1999, 2007), as emoções são fundamentais para o desenvolvimento humano, sendo inseparáveis da cognição. Em consonância com Piaget, o teórico afirma que nenhum comportamento cognitivo pode ocorrer sem o envolvimento afetivo. Nesse sentido, a afetividade atua como uma mediação dos conhecimentos, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades emocionais e cognitivas simultaneamente. A afetividade, portanto, é um elemento que contribui para a formação de indivíduos seguros, felizes e capazes de interagir de maneira positiva consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

Rodrigues, Blaszkó e Ujiie (2021) complementam esse entendimento ao argumentarem que a afetividade, quando estimulada de maneira positiva, pode agir como um agente transformador, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso. As emoções e a afetividade permeiam as relações entre professor e aluno, sendo fundamentais para garantir o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Assim, a afetividade não só facilita a aquisição de conhecimento, mas também é um fator determinante para o desenvolvimento emocional e social da criança dentro do contexto escolar.

3.3. A constituição da afetividade dentro da sala de aula

Quando se fala sobre afetividade na sala de aula, muitas pessoas podem associá-la apenas a gestos físicos, como abraços e beijos, mas a afetividade vai além desses gestos. No contexto escolar, afetividade significa criar um ambiente onde a criança se sinta respeitada, acolhida e ouvida, especialmente na educação infantil, que é o primeiro espaço fora do núcleo familiar onde a criança começa a construir suas relações. Como afirmam Guimarães e Maciel (2021):

"O afeto se configura como parte integrante no desenvolvimento humano, tanto nos relacionamentos interpessoais quanto na construção do conhecimento" (p. 3).

A afetividade é um conceito amplo que envolve tanto sentimentos, de origem psicológica, quanto emoções, de origem biológica. De acordo com Guimarães e Maciel (2021), a afetividade se manifesta de forma mais complexa conforme a criança evolui, especialmente quando os elementos simbólicos surgem, transformando as emoções em sentimentos mais duradouros e moderados. Esse processo implica uma representação mental que, por sua vez, confere aos sentimentos uma maior estabilidade.

Dentro da sala de aula, a construção da afetividade acontece, principalmente, por meio da relação entre o professor e o aluno. O professor é visto como a figura central que transmite afeto nesse ambiente, sendo essencial para o desenvolvimento do aluno, como destaca Cunha (2007): "O processo científico do mundo passa pelas mãos do professor" (p. 83). Além disso, o professor tem a capacidade de despertar o amor e o interesse das crianças pela aprendizagem, e a afetividade se apresenta como uma ferramenta poderosa nesse processo.

Libâneo (1994) também ressalta que a relação entre professor e aluno é um fator determinante no processo de aprendizagem, pois torna o aprendizado mais significativo. A afetividade, portanto, facilita esse processo, já que crianças que são estimuladas de forma positiva apresentam resultados mais satisfatórios.

Codó e Gazzotti (1999) reforçam a ideia de que, se o professor não estabelece uma relação afetiva com os alunos, ele não conseguirá alcançar o sucesso desejado no processo educacional. É importante destacar que falar de afetividade na educação não significa que não existem regras ou limites, mas sim que a educação deve ser fundamentada no respeito mútuo entre professor e aluno. Na educação infantil, o vínculo afetivo entre professor e aluno é fundamental, pois é por meio dessa relação que a criança se sentirá segura para realizar as atividades propostas.

Quando a criança se sente valorizada e respeitada pelo professor, ela se motiva a aprender. Contudo, se o professor adota uma postura autoritária ou hostil, isso pode gerar sentimentos negativos, como desinteresse e rejeição. Nesse cenário, a criança pode associar o ambiente escolar a algo negativo, o que prejudicaria seu desenvolvimento e aprendizagem. Portanto, é essencial que o ambiente de sala de aula seja pautado pela afetividade, onde as emoções dos alunos são consideradas e respeitadas.

Durante o processo de aprendizagem, o diálogo desempenha um papel importante, pois é através dele que a curiosidade da criança é despertada. Freire (1996) argumenta que a relação entre professor e aluno deve ter como objetivo promover a liberdade e a autonomia da criança. Já Gadotti (1999) destaca que, para ocorrer um diálogo real, o professor deve abrir mão da ideia de ser o detentor exclusivo do conhecimento, valorizando o conhecimento prévio do aluno na construção de novos saberes. Isso torna o processo de aprendizagem mais prazeroso, pois a criança se sente parte dele.

A relação professor-aluno, portanto, deve ser pautada no respeito mútuo. O professor deve respeitar os conhecimentos que a criança traz de sua convivência social e, por sua vez, o aluno deve respeitar o conhecimento do professor. Essa interação, que vai além da mera transmissão de conteúdo, é fundamental para o desenvolvimento de um ambiente afetivo de aprendizagem.

Na educação infantil, a afetividade está presente de maneira mais constante, pois o professor acompanha a criança durante o dia todo, seja nas atividades em

sala de aula, no pátio ou na hora do lanche. Essa proximidade entre professor e aluno favorece a construção do conhecimento, como afirma Saltini (2008):

"A criança necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado" (p. 5).

O professor, portanto, é uma das principais referências da criança no ambiente escolar. Por isso, é fundamental que a criança se sinta acolhida e valorizada. As primeiras relações afetivas que ela estabelece na escola servirão como base para lidar com suas próprias emoções ao longo da vida.

Na construção da afetividade dentro da sala de aula, o professor enfrenta diversos desafios, pois cada aluno apresenta suas próprias individualidades. É importante que o educador reflita sobre sua prática e busque ouvir o que os alunos têm a dizer, promovendo uma relação de proximidade, já que o ser humano necessita ser ouvido e valorizado. Uma boa relação com o professor pode ajudar a criança a construir sua autoestima e perceber que o erro faz parte do processo educacional, desde que seja tratado de forma respeitosa.

Freire (2007) destaca que o ato de ensinar não envolve apenas a transmissão de conhecimento, mas também é um processo no qual o professor aprende a ensinar, assim como o aluno aprende ao ensinar. As relações presentes na sala de aula são baseadas na reciprocidade, onde tanto o professor quanto o aluno se beneficiam do processo.

Segundo Miranda (2008), a relação entre professor e aluno vai além do profissionalismo, pois aspectos afetivos estão presentes e marcam a vida de ambos. Quando essa relação é positiva, o aprendizado se torna mais significativo. O professor deve criar um ambiente que desperte a curiosidade da criança e acompanhá-la durante esse processo de descoberta.

Na educação infantil, a criança busca constantemente o conhecimento, pois sua personalidade é construída a partir da interação com o outro. Como ela passa grande parte de seu tempo na escola, o professor exerce uma forte influência nesse processo de construção da personalidade. É fundamental que o educador saiba como interagir com o aluno, respeitando a individualidade de cada criança.

Além disso, como afirma Almeida (1999), o afeto está presente na relação entre professor e aluno, pois a interação é necessária para a transmissão do

conhecimento. O afeto é um componente essencial para garantir a qualidade do aprendizado da criança, pois facilita o processo de construção do conhecimento.

Silva e Navarro (2012) também destacam que a relação entre professor e aluno dá sentido ao processo educacional. Nesse contexto, a troca de experiências entre ambos faz com que o afeto se torne indispensável para a construção do conhecimento. A prática do educador deve ser fundamentada no afeto, buscando criar situações prazerosas que favoreçam a aprendizagem dos alunos.

É importante destacar que a sala de aula deve ser um ambiente propício para a expressão das emoções. A educação deve ser pautada em uma relação afetiva entre professor e aluno para que seja possível alcançar uma aprendizagem significativa. Por muito tempo, a educação foi voltada para o modelo tradicional, onde o aluno ficava sentado sem ser valorizado. No entanto, ao refletir sobre uma educação de qualidade, é preciso priorizar essa relação, pois ela influencia diretamente no sucesso do processo educacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar que a afetividade exerce um papel central no processo de alfabetização, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A análise das contribuições teóricas de Wallon, Piaget e Vygotsky evidencia que o desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente ligado aos aspectos emocionais e sociais, o que reforça a necessidade de uma prática pedagógica que valorize as relações humanas dentro do ambiente escolar.

Os estudos apontam que o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui significativamente para a construção de um ambiente de segurança, respeito e motivação — condições essenciais para que a criança se sinta confortável em expressar dúvidas, errar e tentar novamente. Essa segurança emocional favorece o interesse pela leitura e escrita, além de fortalecer a autoestima do aluno, que passa a se perceber como um sujeito capaz de aprender.

O papel do professor como mediador do conhecimento e das emoções foi constantemente destacado nas obras analisadas. Educadores que demonstram empatia, escuta ativa e sensibilidade para lidar com os sentimentos das crianças conseguem estabelecer uma relação de confiança que vai além da simples

transmissão de conteúdo. A afetividade, nesse contexto, não é um elemento acessório, mas um recurso pedagógico essencial que potencializa o ensino-aprendizagem.

Além disso, a literatura consultada também revelou que práticas educativas que desconsideram o aspecto afetivo tendem a gerar desmotivação, desinteresse e até aversão à escola, o que pode comprometer significativamente o processo de alfabetização. Por outro lado, experiências que envolvem acolhimento, valorização da individualidade do aluno, respeito ao seu ritmo de aprendizagem e incentivo à participação ativa demonstraram ser mais eficazes.

Outro ponto de destaque é a importância da formação docente voltada para o desenvolvimento de competências socioemocionais. Muitos professores ainda não recebem preparo adequado para lidar com a afetividade em sala de aula, o que pode dificultar a criação de vínculos saudáveis com os alunos. A formação continuada, que inclua temas como inteligência emocional, escuta sensível e mediação de conflitos, mostra-se fundamental nesse sentido.

Por fim, ressalta-se que a afetividade deve ser compreendida como um processo relacional, construído dia a dia, e que envolve tanto a postura do professor quanto a dinâmica institucional. A escola, enquanto espaço de formação humana, precisa promover uma cultura do cuidado, do respeito e da empatia, criando condições para que todas as crianças tenham uma experiência de alfabetização significativa, prazerosa e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAS

A afetividade ocupa um papel central na construção do conhecimento, especialmente nos primeiros anos de escolarização. O presente trabalho evidenciou que o processo de alfabetização não deve ser compreendido apenas como a decodificação mecânica de letras e palavras, mas sim como uma vivência complexa e profundamente humana, que exige vínculos emocionais significativos entre professores e alunos.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a afetividade influencia diretamente a motivação, o interesse e o desempenho acadêmico das crianças, sendo um componente fundamental para o desenvolvimento integral dos educandos. Quando o aluno se sente respeitado, acolhido e valorizado em suas individualidades,

ele se envolve de forma mais ativa e confiante no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o papel do professor vai além da transmissão de conhecimentos: ele também é mediador emocional, cuidador e referência afetiva.

Teóricos como Henri Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky sustentam a ideia de que o desenvolvimento cognitivo está intimamente ligado ao desenvolvimento afetivo. Para Wallon, por exemplo, o comportamento afetivo precede o cognitivo, e ambos caminham juntos ao longo da vida escolar. Vygotsky, por sua vez, destaca que o aprendizado se constrói por meio das interações sociais e da mediação, sendo a afetividade um elo essencial nesse processo. Já Piaget aponta que os afetos são motivadores das ações cognitivas, atuando como base para o desenvolvimento intelectual.

A prática pedagógica voltada para uma alfabetização humanizada requer do educador sensibilidade, empatia e preparo para lidar com os aspectos emocionais que emergem no cotidiano escolar. A afetividade precisa ser compreendida como uma via de mão dupla: o educador também precisa se sentir valorizado, apoiado e comprometido com sua missão educativa, para que possa criar um ambiente propício ao desenvolvimento das crianças.

Diante disso, é imprescindível que as instituições de ensino incentivem práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento socioemocional, tanto dos alunos quanto dos educadores. A formação inicial e continuada dos professores deve incluir conteúdos que abordem a importância da afetividade no ensino, além de estratégias que possibilitem a criação de vínculos positivos em sala de aula. A escola, como espaço de convivência e socialização, deve acolher as emoções, promover o diálogo e valorizar o ser humano em sua totalidade.

Conclui-se que a afetividade é uma das bases da alfabetização eficaz e significativa. Ignorar sua importância é comprometer não apenas a aprendizagem formal, mas o desenvolvimento pleno da criança enquanto sujeito social, emocional e cognitivo. É preciso educar com o coração e com a razão, promovendo uma educação mais sensível, inclusiva e transformadora. Uma escola afetiva é, acima de tudo, uma escola que ensina com amor, escuta com respeito e aprende com cada olhar infantil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. Emoção: considerações sobre a teoria de Henri Wallon. In: ALMEIDA, A. *Emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.
- AMORIM, M. C. S.; NAVARRO, E. C. Afetividade na educação infantil. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, v. 1, n. 7, p. 1-7, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.
- CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (coord.). *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CUNHA, E. *Afetividade na prática pedagógica: educação, TV e escola*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2007.
- CUNHA, E. *Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.
- GUIMARÃES, M. dos S.; MACIEL, C. M. L. A. A afetividade na relação professor-aluno: alicerces para a aprendizagem significativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, e21101018362, 2021.
- LEITE, S. A. da S.; TAGLIAFERRO, A. R. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2005.
<https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200007>.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MIRANDA, E. D. S. A influência da relação professor: aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade. In: *8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação*. Anais... São Paulo, 2008. p. 1-6.
- RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010.
- RODRIGUES, G. M. M. M.; BLASZKO, C. E.; UJIE, N. T. A afetividade na relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem: discussão de dados mediatizada pelo portal CAPES. *Revista Colloquium Humanarum*, v. 18, n. 1, p. 61-76, 2021.
- SALTINI, C. J. P. *A afetividade inteligência: a emoção na educação*. 4. ed. São Paulo: D&PA, 1999.

SALTINI, C. J. P. *Afetividade & inteligência*. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

SANTOS, J. C. dos (org.). *EAD: tecnologia, pedagogia e formação continuada*. Cáceres: Unemat Editora, 2011.

SILVA, K. G. S. da et al. Afetividade como prática metodológica na educação infantil: uma revisão narrativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, e36410414053, 2021. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14053>. Acesso em: 12 maio 2025.

TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

VILELA, M. P.; BORGES, F. V. A. Aspectos afetivos dentro da ótica da educação infantil: a perspectiva de educadores, seu trabalho e a realidade. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, v. 7, n. 1, p. 229-249, 2021.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Vega, 1979.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Persona, 1995.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1999.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.